
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Caroline da Cruz Pavan-Cândido

Terapias de base comportamental e terapias de base cognitiva:
Aproximações e divergências a partir de uma análise histórica

Versão resumida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Ciências, obtida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Ribeirão Preto

2019

RESUMO

Pavan-Cândido, C. C. (2019). Terapias de base comportamental e terapias de base cognitiva: Aproximações e divergências a partir de uma análise histórica. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP.

Desde o início do século XX, havia grande preocupação da Psicologia, de forma geral, de se constituir enquanto uma ciência. A expressão maior disso na psicoterapia foi a emergência da Terapia Comportamental. Estas mesmas preocupações foram responsáveis pelo surgimento das Terapias Cognitivas. É possível identificar na história destes dois grupos de terapias origens e influências comuns. Ao mesmo tempo, são claros alguns pontos de afastamento e divergência entre estas perspectivas. Considerando a importância de fundamentação teórica e técnica coerentes com a prática e não simplesmente uma aplicação de técnicas indiscriminada, justifica-se a realização de um estudo com o objetivo de realizar análise histórico-conceitual das terapias de base comportamental e/ou de base cognitiva, de suas técnicas e teorias, examinando as aproximações e divergências entre estas propostas de intervenção, estabelecendo relação entre a história e as características das práticas atuais no Brasil. Para isso, foi realizado um estudo histórico cujas fontes foram materiais variados - livros, capítulos, artigos científicos, relatórios científicos, dissertações e teses, correspondência entre autores, programas de conferências, e anotações pessoais - que tratassem de fatos relacionados direta ou indiretamente à história destas terapias. Além disso, foi realizada uma entrevista e visitas a diversos arquivos históricos nos EUA. A partir dos textos encontrados, primeiramente foi elaborada uma definição, a partir da literatura brasileira, para diversos termos utilizados para se referir às terapias de base comportamental e/ou cognitiva. Em seguida, foi elaborada uma história das abordagens, com foco na evolução dos termos utilizados ao longo da história e dos pontos de aproximação e divergência entre as diversas propostas terapêuticas. Observa-se que Watson, Mary Cover Jones, Skinner, Tolman e Hull são apontados como precursores destas terapias. Os trabalhos de Lindsley, Solomon e Skinner, Wolpe, e Eysenck são apontados como os fundadores da área, ao utilizar o termo Terapia Comportamental pela primeira vez. Ainda na década de 1950, aparecem as primeiras propostas de terapias de base cognitiva, de Beck e Ellis. Em um segundo momento, integrantes do grupo comportamental começam a questionar alguns aspectos da TComp e surgem insatisfações com o modelo, mas mantendo as preocupações com o critério científico. É neste contexto que surgem outro grupo de intervenções de base cognitiva, as Terapias Cognitivo-Comportamentais. Em relação ao Brasil, observa-se um desenvolvimento próprio da área no país, que se inicia com a transposição dos conhecimentos da Análise do Comportamento para a clínica. No final da década de 1970 e início de 1980, aumenta o interesse pelos aspectos cognitivos, o que culmina na chegada das Terapias Cognitivas, no país, no início da década de 1980. Com relação à metáfora de ondas, pode-se afirmar que é utilizada para descrever três diferentes períodos da história das abordagens, descrevendo as mudanças ocorridas na história destas terapias nos EUA. Quando se usa essa mesma metáfora para falar da história do Brasil, é necessário realizar algumas análises específicas da história do país, que é diferente da história americana. Pode-se concluir que a variedade de terminologias utilizadas para se referir às práticas terapêuticas de base cognitiva e comportamental revelam algumas diferenças nas interpretações das mesmas premissas filosóficas. Diversas implicações podem derivar destas características. Uma delas está relacionada à força e estabelecimento da área, que pode perder a coesão e sofrer enfraquecimento, se diferentes denominações forem utilizadas para se referir às mesmas práticas. Ademais, os dados mostram que é necessário reconhecer particularidades existentes na história dos diferentes grupos e países.

1 INTRODUÇÃO

A primeira consideração a ser feita em um trabalho em História da Psicologia é que existem diversos fatores que interferem na narrativa histórica e na produção historiográfica que incluem a escolha do evento e período a ser estudado, a seleção das fontes que fundamentarão o olhar do pesquisador, além de outros fatores, como a própria história pessoal e profissional do pesquisador.

Outro esclarecimento necessário refere-se à importância de se estudar a história de uma prática clínica. Alguns autores da história da psicologia consideram desnecessário justificar a importância do estudo da área. Brozek, por exemplo, assume que o valor da pesquisa histórica “deve ser evidente para qualquer pessoa capaz de pensar” (*apud* Wertheimer, 1998, p.23). Por outro lado, é possível identificar autores que dedicam textos inteiros à explicação e discussão das razões para se estudar história da psicologia. Wertheimer (1998) enumera algumas razões, dentre elas: a oportunidade de redescobrir grandes ideias do passado e, ao mesmo tempo, evitar repetir erros do passado; ajudar a concentrar nas questões realmente fundamentais da área; ajudar a integrar um campo de grande diversidade de forma coerente; e compreender onde a psicologia - ou uma de suas áreas - se encontra agora e como chegou até aqui – o que ajuda na solução dos problemas atuais. Assim, a pesquisa histórica pode auxiliar na reflexão filosófica e na ampliação da consciência nas práticas, uma vez que traz o desenvolvimento da psicologia como ciência e prática (Morris, Todd, Midgley, Schneider, & Jhonson, 1990).

Não há uma forma correta ou incorreta de se ver a história, já que toda história deve ser contada a partir de um conjunto de documentos selecionados para responder à questão levantada pelo pesquisador. Do mesmo modo, não há uma forma correta ou incorreta de se explicar o desenvolvimento das terapias abordadas neste trabalho. É possível identificar na literatura sobre a área, diferentes formas de se falar sobre os mesmos temas. Cada uma destas possíveis interpretações está relacionada às fontes usadas pelo pesquisador e às histórias pessoal e profissional dos autores responsáveis por sua “redação”. Outro fator que parece influenciar na produção histórica é o momento histórico em que o autor viveu. A depender do momento em que começou a ter contato com os eventos narrados – se enquanto parte dessa história ou somente depois dela – parece haver uma diferença em sua compreensão.

Desta forma, este trabalho representa uma das formas de se relatar a história das terapias de base comportamental e de base cognitiva no Brasil. Buscou-se conhecer a literatura sobre a história destas terapias para se elaborar um quadro de referências para a busca de fontes primárias. Em seguida, selecionou-se bibliografia primária sobre as terapias em questão, na tentativa de descrever os termos usados e as práticas que representavam, o surgimento de novas propostas, debates, críticas e adesões a certos padrões técnicos. Esta análise foi feita levando em consideração os desenvolvimentos que ocorreram em dois locais. Um deles é o Brasil e o outro, os Estados Unidos da América, por ser constantemente citado como o país de origem dos pesquisadores que influenciaram o surgimento de tais terapias no Brasil.

A literatura sobre as terapias de base comportamental e de base cognitiva tem revelado uma proliferação de práticas abarcadas nestas amplas classificações. Mostra, também, a existência de uma variedade de nomenclaturas para as mesmas práticas e diferentes práticas incluídas na mesma nomenclatura (Campos, 2001; Rangé, 2001; Shinohara, 2001a, 2001b; Guilhardi, 2004; Zamignani, Silva Neto & Meyer, 2008; Martin & Pear, 2009; Costa, 2011).

Para compreender melhor como esta característica foi se mantendo ao longo do tempo, é importante olhar para sua história. Neste trabalho, ela será apresentada pelas seguintes perspectivas. Primeiramente, será apresentada uma seção com as descrições das práticas das diferentes modalidades de terapia de base comportamental e de base cognitiva descritas na literatura brasileira na atualidade. Em seguida, será descrita a trajetória da área desde o primeiro uso do termo Terapia Comportamental (TComp) até o desenvolvimento da Análise do Comportamento Clínica (ACC), Análise do Comportamento Aplicada (ACA), Modificação do Comportamento (MC), Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e da Terapia Analítico-Comportamental (TAC). Após isso, uma sessão será exclusivamente dedicada ao relato da história brasileira. Por último, a história será abordada utilizando a perspectiva da metáfora de ondas (Hayes, 2004).

Mas antes de iniciar a discussão a que o trabalho se propõe, é importante fazer alguns esclarecimentos. O primeiro deles é em relação às definições dos termos que serão utilizados ao longo do texto, já que, como foi problematizado logo de início, diferentes definições são dadas para as terapias aqui abordadas. O termo “terapias de base comportamental” será utilizado ao longo do trabalho para se referir às terapias fundamentadas, em algum grau, nos Behaviorismos (o Metodológico, de Watson, o

Radical, de Skinner ou o Mediacional, de Tolman ou Hull) e/ou nas teorias da aprendizagem, mas que não adotam a premissa de que a cognição tem um papel mediacional fundamental. Já o termo “terapias de base cognitiva” será utilizado para tratar das terapias que tem o papel mediacional da cognição como pressuposto básico fundamental na explicação do comportamento e da emoção, e que os processos cognitivos podem (e devem) ser acessados e alterados. Vale ainda acrescentar que o termo TCC passou a ser utilizado posteriormente na história, a partir da segunda metade da década de 1970 (Wilson, 1978), para se referir às terapias de base comportamental, historicamente baseadas nos Behaviorismos Mediacionais de Tolman ou Hull, e que passaram a adotar pressupostos mediacionais como parte da explicação do comportamento. Assim, é partindo destas definições que este trabalho foi delineado, em função da perspectiva histórica adotada e que ficará clara para o leitor, ao longo da leitura do texto. Esta escolha não expressa a forma correta ou a única forma possível de se abordar os temas e os termos. Esta é uma perspectiva adotada diante dos estudos e pesquisas realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser observado, a história das terapias de base comportamental e/ou cognitiva têm sua origem nas TComp. Dentre outros aspectos, os questionamentos e críticas que surgiram em relação às TComp estiveram no cerne das propostas de muitas modalidades de intervenção cognitiva e cognitivo-comportamental, o que não significou, por outro lado, um rompimento total com os conhecimentos e formas de intervenção advindos da TComp. As TCCs principalmente, como explícito no próprio nome, utilizam-se de estratégias e técnicas comportamentais em sua intervenção e apresentam diversas semelhanças com as primeiras propostas de TComp (como a objetividade, o foco no presente e a duração breve, por exemplo, presentes na proposta de Wolpe/Lazarus).

Esta história pode ser abordada, relatada e analisada de diversas formas. Para alguns autores da área, uma das possibilidades é a utilização da metáfora de ondas. Como foi discutido, há autores que não concordam com esta divisão, considerando-a arbitrária, de pouca utilidade e até mesmo equivocada. Outros a veem como uma descrição precisa do desenvolvimento das terapias de base comportamental e/ou cognitiva. Outros apontam ainda que esta divisão é analisada como uma visão cronológica, algumas vezes utilizada para validar a terceira onda e depreciar as demais.

Observando a história e as práticas atuais, afirmar que uma onda substituiu a anterior é um equívoco. As práticas foram se modificando ao longo do tempo e, com todo o conhecimento produzido, não se pode afirmar que as práticas desta década, tem as mesmas características que as de uma década atrás, por exemplo. Porém, quando se diz que elas não apresentam as mesmas características, também não se está falando que são melhores ou piores. O que se pode afirmar, pelos resultados observados, é que as práticas atuais são mais apropriadas a este momento histórico e social.

Pode-se concluir que não existe consenso em relação às definições das modalidades terapêuticas de base cognitiva e/ou comportamental no país entre terapeutas e pesquisadores da área e, além disso, não há consenso sobre a afiliação de cada uma delas a uma fundamentação teórico-filosófica ou a um grupo específico. Assim como foi em seu início e ao longo de toda sua história, estas terapias compartilham algumas características e divergem em outras. Estas questões podem

trazer problemas como a aplicação de intervenções sem fundamentação científica, não garantindo seus resultados.

A ênfase das TCCs nas mudanças cognitivas como forma de modificar o comportamento é, muitas vezes, citada como um diferencial importante em relação aos terapeutas comportamentais e um ponto de união entre as diversas modalidades de TCCs (Duarte et al., 2008; Barbosa & Borba, 2010; Neufeld & Cavenage, 2010; Moreno & Wainer, 2014). Quanto às de base comportamental, em geral o termo TComp é referido como incluindo intervenções muito diversas, o que levou à proposta, no Brasil, da TAC e da TCR (Cavalcante, 1999; Tourinho e Cavalcante, 2001; Guilhardi, 2004; Zamignani et al., 2008).

Diversas implicações podem derivar deste uso e definição dos termos na prática clínica. As dificuldades de nomenclatura, que, em muitos casos, são reflexos da ausência de fundamentação ou de fundamentação confusa, vão impactar na intervenção, não a caracterizando como ciência. Outra implicação está relacionada à força e estabelecimento da área. Se diferentes termos são utilizados para se referir a uma mesma prática, corre-se o risco de perder a coesão e prejudicar o fortalecimento da área na psicologia. Assim, como pontuado por Skinner (1953, p. 9), “teorias afetam práticas. Uma concepção científica do comportamento humano dita uma prática, uma filosofia de liberdade pessoal determina outra. Confusão na teoria significa confusão na prática.”

Este é um ponto que deve continuar sendo investigado, não só em relação a estas duas modalidades, em específico. É importante que seja compreendido sob controle de que eventos ou aspectos destas propostas de intervenção estão os diferentes cientistas quando classificam-nas como de um grupo ou de outro.

Diante disso, surge a reflexão: é necessário que todas as terapias fundamentadas no mesmo referencial sejam iguais ou seria possível coexistirem diferentes modalidades de prática, se coerentes do ponto de vista teórico-filosófico? Uma análise superficial parece indicar que as TCCs conseguiram uma forma de minimizar esta situação denominando TCCs ou TCs todas aquelas terapias que se baseiam no modelo cognitivo, independente das técnicas ou métodos de intervenção utilizados. Uma solução parecida foi a proposta Franks e Brady (1970), no editorial do primeiro número da *Behavior Therapy*, que propôs como ponto comum para definir as TComps o método experimental. Parece-me impossível pensar na possibilidade de que todos os terapeutas e pesquisadores de uma área realizem a

mesma prática e, ao mesmo tempo, a separação em pequenos grupos pode trazer implicações negativas, por exemplo, relacionada à força e estabelecimento da área, preocupação que vem acompanhando os pesquisadores na últimas décadas (Barbosa & Borba, 2010; Costa, 2011).

Mais recentemente, enquanto novas modalidades de terapia tem surgido no cenário mundial – sejam elas diferentes das já existentes, ou não –, alguns terapeutas e pesquisadores tem discutido possibilidades de integração das abordagens comportamentais e cognitivas (Costa, 2002). O assunto ainda é pouco explorado e, independentemente do ponto de vista adotado – a favor ou contra a possibilidade de integração – é importante que se discuta e se apresente os argumentos de ambos os lados.

O grupo contrário afirma que, até o momento, não foram encontradas justificativas bem fundamentadas para as propostas de integração, pois as diferenças epistemológicas, conceituais e na aplicação são grandes demais para qualquer movimento de integração (Costa, 2002; Guilhardi, 2012). Há também um grupo que, apesar de concordar que há diferenças de várias ordens que impedem a integração, consideram possíveis que aproximações sejam realizadas. Por exemplo, Costa (2011) apresenta a proposta de Wilson e colaboradores, para os quais a integração deve se dar não no plano teórico, mas sim, “no interesse mútuo pela investigação empírica das cognições enquanto variáveis intervenientes para o comportamento“ (p. 75). Enfim, independentemente da possibilidade de integração, o que se pode desenvolver é uma relação amigável entre os terapeutas destes grupos, apesar de suas diferenças teórico-filosóficas, uma vez que um clima colaborativo pode contribuir para o desenvolvimento da área enquanto ciência e prática clínica baseada em evidências.

É importante destacar que a literatura da área é extensa e rica, e as discussões realizadas ao longo da história podem gerar muitas outras análises além das realizadas neste trabalho. Como se trata de uma pesquisa de doutorado, com um tempo determinado para realização, foi necessário realizar um recorte em relação ao assunto e à literatura estudada. Diante disso, é importante que outras pesquisas sobre o tema sejam desenvolvidas de forma que possam esclarecer diversas questões ainda não explicadas e que possam contribuir também com o desenvolvimento da área.

Por fim, pode-se afirmar que conhecer a história da abordagem e suas origens permite ao terapeuta se fundamentar melhor e fazer escolhas conscientes no que se refere à sua forma de atuação. Além disso, permite ao terapeuta e ao pesquisador,

desenvolver postura crítica em relação às discussões sobre o assunto, debruçando-se às questões realmente importantes da área.

REFERÊNCIAS¹

(2004). Durval Marcondes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 121. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400014>

Abreu, C. N. (2004). Introdução às Terapias Cognitivas. In C. N. Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: práticas clínicas* (pp.277-285). São Paulo: Roca.

Abreu, P. R., & Abreu, J. H. S. S. (2017). Ativação comportamental: Apresentando um protocolo integrador no tratamento da depressão. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 238-259.

Abreu, P. R., & Abreu, J. H. S. S. (2016). Terapia comportamental dialética: um protocolo comportamental ou cognitivo? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 45-58.

Abreu, C. N., Ferreira, R. F., & Appolinário, F. (1998). Construtivismo terapêutico no Brasil: uma trajetória. In R. F. Ferreira, & C. N. Abreu (Eds.). *Psicoterapia e construtivismo* (pp. 17-25). Porto Alegre: Artmed.

Abreu, C. N. & Guilhardi, H. J. (Orgs.). (2004). *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: práticas clínicas*. São Paulo: Rocca.

Almeida, M. A., Runnacles, A. L. S., & Silveira, J. M. (2016) . Treino de comportamentos de intimidade para terapeutas em processo de formação em Psicoterapia Analítica Funcional. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 07(02), 212-228.

Amorim, M. C. S., & Castañon, G. A. (2013). São os terapeutas construtivistas idealistas? *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(1), 51-60.

¹ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Antunes, M. A. M. (1998/2007). *A Psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: EDUC/Marco editora.

Antunes, M. A. M. (2004). A psicologia no Brasil no século XX: Desenvolvimento científico e profissional. In M. Massimi & M. C. Guedes. *História da Psicologia no Brasil: Novos estudos*. São Paulo: EDUC/Cortez Editora.

Associação Latino Americana de Terapias Cognitivas (ALAPCO) (2019). História. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019, de http://www.alapco.com/?page_id=11.

Association for Behavioral and Cognitive Therapies (ABCT) (2019). History of ABCT. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019, de <http://www.abct.org/About/?m=mAbout&fa=History>.

Ayllon, T. (1963). Intensive treatment of psychotic behaviour by stimulus satiation and food reinforcement. *Behaviour Research and Therapy*, 1(1), 53-61.

Ayllon, T. & Azrin, N. H. (1968). The measurement and reinforcement of behavior of psychotics. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 73(1), 37-43.

Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 91-97.

Banaco, R. A. (1999). Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional. In R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição - Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade de aplicação* (Vol. 4, pp. 75-82). Santo André: ESEtec Editores Associados.

Bandura, A. (1969). *Principles of behavior modification*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Barbosa, J. I. C. & Borba, A. (2010). O surgimento das terapias cognitivo-comportamentais e suas consequências para o desenvolvimento de uma abordagem clínica analítico-comportamental dos eventos privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12 (1/2), 60-79.

Barbosa, L. M., & Murta, S. G. (2006). Terapia de aceitação e compromisso: história, fundamentos, modelo e evidências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 16(3), 34-49.

Bastos, A. V. B., & Gomide, P. I. C. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 6-15. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000100003>

Bastos, A.V. B., Gondim, S. M. G. & Borges-Andrade, J. E. (2010). O Psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas? In O. H. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.). *Escritos sobre a formação de psicólogo no Brasil*. Natal: EDUFRN. (pp.255-271)

Beck, A. T. (1963). Thinking and depression: I. Idiosyncratic content and cognitive distortions. *Archives of General Psychiatry*, 9(4), 324-333.

Beck, A. T. (1991). Cognitive Therapy: A 30- Year Retrospective. *American Psychologist*, 46(4), 368-375.

Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. Oxford, England: International Universities Press.

Beck, A. T. (1993). Cognitive therapy: Past, present, and future. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(2), 194-198.

Beck, A. T. (1970). Cognitive Therapy: Nature and relation to behavior therapy. *Behavior Therapy*, 1(2), 184-200.

Beck, A. T. & Alford, B. A. (1997). *The integrative power of cognitive therapy*. New York: Guilford.

Beck, J. S. (1995). *Cognitive Therapy: basics and beyond*. New York: Guilford.

Beck, A., Rush, A. J., Shaw, B. F. & Emery, G. (1982). *Terapia cognitiva da depressão (Vera Ribeiro, Trad.)*. Rio de Janeiro: Zahar. (trabalho original publicado em 1979).

Botomé, S. P. (2006). Contribuições, participação, organização e representação da análise experimental do comportamento nos eventos e na organização da psicologia no Brasil: a ABPMC como condição e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 217-231.

Branco, A., Maciel, D., & Silva, M. (2007). Uma história e perspectivas na psicologia do desenvolvimento: com a palavra Thereza Mettel. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe),131-135. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000500024>

Camoleze, M. L., & Silveira, J. A. (2017). Intervenções com análises de contingências e tarefas de casa na FAP. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 92-109.

Campos, L. F. L. (2001). Terapia Racional-Emotiva Comportamental. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição - Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (Vol. 10, pp. 15-20). Santo André: ESETec Editores Associados.

Candido, G. V., & Massimi, M. (2012). Contribuição para a formação de Psicólogos: análise de artigos de Carolina Bori publicados até 1962 [Edição especial]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 246-263. doi:10.1590/S1414-98932012000500018

Cândido, G. V. & Massimi, M. (2016). Psicologia como ciência do comportamento na atuação e obra de Carolina Martuscelli Bori: décadas de 1950 e 1960. *Revista Argentina de Ciências del Comportamiento*, 8(2), 30-38, ISSN 1852-4206.

Cavalcante, S. N. (1999). *Análise funcional na terapia comportamental: Uma discussão das recomendações do behaviorismo contextualista*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, PA.

Costa, N. (2002). *Terapia Analítico-Comportamental: dos fundamentos filosóficos à relação com o modelo Cognitivista*. Santo André: ESEtec Editores Associados.

Costa, N. (2011). O surgimento de diferentes denominações para a Terapia Comportamental no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13(2), 46-57.

Cover-Jones, M. (1924a). A laboratory study of fear: the case of Peter. *The Journal of Genetic Psychology*, 31(4), 308-315.

Cover-Jones, M. (1924b). The elimination of children's fears. *Journal of experimental psychology*, 7(5), 382-390.

Cury, S. (1997). Garry Martin e a experiência da PUC-SP. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição – A prática da análise do comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental* (Vol. 1, pp. 24-28). Santo André: ESEtec Editores Associados.

Cushman, P. (1992). Psychotherapy to 1992: A historical situated interpretation. In D. K. Freedheim. *History of Psychotherapy: a century of change* (1^a ed, pp.21-64). Washington, DC: American Psychological Association.

Danziger, K. (2003). Where theory, history and philosophy meet: the biography of psychological objects. In D.B. Hill & M.J. Kral (Eds.), *About psychology: Essays at the crossroads of history, theory and philosophy* (pp. 19-33). New York: University Press.

De-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que Análise Comportamental Clínica? Uma Introdução ao Livro. In A. K. C. R. De-Farias e cols. *Análise Comportamental Clínica: aspectos teóricos e estudos de caso* (pp.19-29). Porto Alegre: Artmed.

Dobson, K. S. & Scherrer, M. C. (2004). História e futuro das terapias cognitivo-comportamentais. In P. Knapp e cols, *Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica* (pp. 42-57). Porto Alegre: Artmed.

Duarte, A. L. C., Nunes, M. L. T., & Kristensen, C. H. (2008). Esquemas desadaptativos: revisão sistemática qualitativa. *Rev. bras. ter. cogn.*, 4(1), 0-0.

Ellis, A. (1962). *Reason and Emotion in Psychotherapy*, Lyle Stuart, New York.

Ellis, A. (1991). The revised ABCs of Rational-emotive therapy. *Journal of Rational-Emotive and Behavioral-Cognitive-Therapy*, 9, 139-172.

Ellis, A. (1995). Changing rational-emotive therapy (RET) to rational emotive behavior therapy (REBT). *Journal of Rational-Emotive and Cognitive-Behavior Therapy*, 13(2), 85-89.

Ellis, A. (2001). The Rise of Cognitive Behavior Therapy. In W. T. O'Donohue, D. A. Henderson, S. C. Hayes, J. E. Fisher & L. J. Hayes, *A History of the Behavioral Therapies: Founders' Personal Histories* (pp.183-194). Reno: Context Press.

Eysenck, H. J. (1952). The Effects of Psychotherapy: An Evaluation. *Journal of Consultant Psychology*, 16(5), 319-324.

Eysenck, H. J. (1959). Learning theory and behaviour therapy. *The Journal of Mental Science*, 105(438), 61-75.

Falcone, E. M. O. (2007). As bases teóricas e filosóficas das abordagens cognitivo-comportamentais. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.), *História da Psicologia: rumos e percursos* (pp.195-214). Rio de Janeiro: Nau Editora.

Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC). (2010). Quem somos e História. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019 de <http://www.fbtc.org.br/#/institucional>.

Fishman, D. B. & Franks, C. (1998). The conceptual evolution of Behavior Therapy. In P. L. Wachtel & S. B. Messer. *Theories of Psychotherapy: origins and evolution*. American Psychological Association: Washington, DC.

Fishman, D. B., Rego, S. A. & Muller, K. L. (2011). Behavioral Theories of Psychotherapy. In J. C. Norcross, G. R. Vandenbos & D. K. Freedheim. *History of Psychotherapy: Continuity and change*. Washington, DC: American Psychological Association.

Franks, C. M. (1996). Origens, história recente, questões atuais e estados futuros da Terapia Comportamental: uma revisão conceitual. In V. E. Caballo (Org.), *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento* (pp. 3-22). São Paulo: Santos Livraria Editora.

Franks, C.M. & Brady, J.P. (1970). What is Behavior Therapy and why a new journal? (Editorial). *Behavior Therapy*, 1, 1-3.

Fuller, P. R. (1949). Operant conditioning of a vegetative human organism. *The American Journal of Psychology*, 62(4), 587-590.

Furumoto, L. (1989). The new history of psychology. In I. Cohen (Ed.), *The G. Stanley Hall Lecture Series* (Vol. 9, pp. 9-34). Washington, DC: American Psychological Association.

Gorayeb, R. (2010). Psicologia da Saúde no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (spe), 115-122.

Guedes, M. C., Cândido, G. V., Bellodi, A. C. , Giolo, J. C. C., Vieira, M. C., Matheus, M. N., Miguel, R. R., & Gurgel, T. G. (2008). A introdução da análise do comportamento no Brasil: vicissitudes. *Behaviors*, 12 (dez.), 41- 57.

Guedes, M. C., Guimarães, T. A. & Queiroz, A. B. (2007). A ABPMC e a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. *Behaviors*, 11, 28-35.

Guilhardi, H.J. (2012). Considerações conceituais e históricas sobre a Terceira Onda no Brasil. Recuperado em 21 de julho de 2014, de <http://www.itcrcampinas.com.br/txt/terceiraonda.pdf>.

Guilhardi (2008). O papel da ABPMC para a Terapia Comportamental. *Boletim Contexto*, 31, 1.

Guilhardi, H. J. (2004). Terapia por Contingências de Reforçamento. In C. N. Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental: práticas clínicas* (pp.3-40). São Paulo: Roca.

Guilhardi, H. J. (2003). Tudo se deve às consequências. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019, de http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/tudo_consequencias.pdf.

Hayes, S. (2004). Acceptance and Commitment Therapy, Relational Frame Theory, and the Third Wave of Behavioral and Cognitive Therapies. *Behavior Therapy*, 35(4), 639-665.

Hayes, S., McCurry, S. M., Afari, N. & Wilson, K. (1991). *Acceptance and commitment therapy (ACT): A therapy manual for the treatment of emotional avoidance*. Reno, NV: Context Press.

Hayes, S. & Hofmann, S. G. (2017). The third wave of cognitive behavioral therapy and the rise of process-based care. *World Psychiatry*, 6(3), 245-246.

Hollon, S. D. & DiGiuseppe, R. (2011). Cognitive Theories of Psychotherapy. In J. C. Norcross, G. R. Vandenbos & D. K. Freedheim. *History of Psychotherapy: Continuity and change*. Washington, DC: American Psychological Association.

Honda, G. C. & Yoshida, E. M. P. (2015). Mudança em psicoterapia: Indicadores genéricos e eficácia adaptativa. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 589-597.

Hübner, M. M. C. (2006). Relações entre a Sociedade Brasileira de Psicologia e a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2) 2, 237-241.

Kazdin, A. E. (1982). History of Behavior Modification. In. A. S Bellack., M. Hersen, & A. E. Kazdin. *International Handbook of behavior modification and therapy*. New York: Plenum Press. 1st edition

Kazdin, A. E. (1978). *History of behavior modification: experimental foundations of contemporary research*. Baltimore: University Park Press.

Kerbaui, R.R. (2011). Análise do comportamento: Princípios e flexibilidade com as contingências. *Boletim Contexto, ABPMC*, n.34, 28-32, ISSN 2178-583X

Knapp, P. (2004a). Princípios fundamentais da terapia cognitiva. In P. Knapp. & cols. *Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica* (p. 19-41). Porto Alegre: Artmed.

Knapp, P. (Org.). (2004b). *Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica*. Porto Alegre: Artmed.

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991). *Functional Analytic Psychotherapy: Creating intense and curative therapeutic relationships*. New York, NY, US: Plenum Press.

Krasner, L. (1990). History of behavior modification. In A. S. Bellack., M. Hersen, & A. E. Kazdin. *International Handbook of behavior modification and therapy*. New York: Plenum Press. 2nd edition

Krasner, L. (1976). On the death of behavior modification: Some comments from a mourner. *American Psychologist*, *31*, 387-388.

Krasner, L. & Ullmann, L. P., eds. (1965). *Research in Behavior Modification: New developments and implications*. New York: Holt. Rinehart & Winston, 403p .

Krasner, L. (1971). Behavior Therapy. *Annual Review of Psychology*, *22*, 483-532.

Lazarus, A. A. (1971). *Behavior Therapy and Beyond*. New York: McGraw-Hill.

Lazarus, A. A. (1967). In support of technical eclecticism. *Psychological Reports*, *21*, 415-416.

Lazarus, A. A. (1973). Multimodal behavior therapy: Treating the "Basic Id". *Journal of Nervous and Mental Disease*, *156*, 404.

Lazarus, A. A. (1958). New methods in psychotherapy: A case study. *South African Medical Journal*, *32(26)*, 660-663.

Leonardi, J. L. (2015). O lugar da terapia analítico-comportamental no cenário internacional das terapias comportamentais: uma panorama histórico. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 6(2), 199-131. doi: 10.18761/pac.2015.027

Leahey, T. H. (2013). *A history of psychology: From antiquity to modernity* (7a edition). Pearson Education, Inc.

Lettner, Harald W. (1989). Com o que, de fato, a terapia comportamental trabalha?: um depoimento pessoal de um terapeuta comportamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(2), 35-36. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000200012>

Lettner, H. W. & Rangé, B. P. (1988). *Manual de Psicoterapia Comportamental*. São Paulo: Manole.

Lima, M. V. O. L. (1997). A trajetória de um terapeuta comportamental. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição – A prática da análise do comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental* (Vol. 1, pp. 18-23). Santo André: ESEtec Editores Associados.

Lindsley, O. R. (1963). Free-operant conditioning and psychotherapy. In J. H. Masserman. *Current Psychiatric Therapies*, 47-56.

Lindsley, O. R., Skinner, B. F., & Solomon, H. C. (1953). Study of psychotic behavior, Studies in Behavior Therapy, Harvard Medical School, Department of Psychiatry, Metropolitan State Hospital, Waltham, MA, Office of Naval Research Contract N5-ori- 07662, Status Report I, I June 1953 – 31 December 1953.

Lindsley, O. R. & Skinner, B. F. (1954). A method for the experimental analysis of the behavior of psychotic patients. *The American Psychologist*, 419.

Lopes, R. F. F., Bizinoto, J. F. S., Rodrigues, L. B., & Neufeld, C.B. (2014). Contribuições da escola alemã para a terapia do esquema para crianças. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(2), 93-102.

Lopes, R. F. F., Leite, D. T., & Prado, T. P. (2011). Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 7(2), 46-60.

Lourenço Filho, M. B. (1971a). A psicologia no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3), 113-142.

Lourenço Filho, M. B. (1971b). A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3), 143-151.

Lucena-Santos, P., Pinto-Gouveia, J., Oliveira, M. S. (orgs.) (2015). Terapias comportamentais de terceira geração: guia para profissionais. Novo Hamburgo: Sinopsys, 526p.

Malavazzi, D. M. (2011). Breve panorama sobre as três gerações da terapia comportamental, *Boletim Contexto, ABPMC*, n.34, 27, ISSN 2178-583X

Malone, J. C. (1990). *Theories of Learning: A historical approach*. Belmont, California: Wadsworth Publishing Company.

Marçal, J. V. S. (2005). Estabelecendo objetivos na prática clínica: Quais caminhos seguir? *Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.*, 7(2), 231-245.

Martim, G. A. I., & Silveira, J. M. (2017). A tarefa de casa na Psicoterapia Analítica Funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 63-76.

Martin, G. & Pear, J. (1999/2010). *Behavior modification: What it is and how to do it*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

Massimi, M. (2010). Métodos de Investigação em História da Psicologia. *Psicologia em pesquisa (UFJF)*, 04, 100-108.

Matos, M. A. (1998). Contingências para a Análise Comportamental no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 89-100. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000100014>

Medeiros, C. A. (2002). Comportamento verbal na terapia analítico comportamental. *Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.*, 4(2), 105-118.

Mejias, N.P. (1981). A abordagem experimental e a clínica – problemas de relações entre nomenclatura, formas e espaço de atuação. *Boletim de Psicologia*, 33(81), 25-33.

Mejias, N. P. (2002). A modificação de comportamento no Brasil. *Revista da FMF - Educação, Sociedade e Meio Ambiente, Manaus*, 1(1), 66-75.

Melo, W. V (2014). *Estratégias psicoterápicas e a terceira onda em terapias cognitivas*. Porto Alegre: Sinopsys Editora.

Mettel, T. P. L. & Costa, C. M. L. (1971). Modelagem da resposta de contato visual. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Moreira, F., Silva, E., Lima, G., Assaz, D., Oshiro, C. K. B., & Meyer, S. (2017). Comparação entre os conceitos de self na FAP, na ACT e na obra de Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 220-237.

Moreira, F. R., & Oshiro, C. K. B. (2017). Reflexões sobre Terapia Analítico-Comportamental Infantil e Psicoterapia Analítica Funcional com crianças. *Revista*

Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 19(3), 166-184.

Moreira, J. O., Romagnoli, R. C. & Neves, E. O. (2007). O Surgimento da clínica psicológica: Da prática curativa aos dispositivos de promoção de saúde. *Psicologia, Ciência & Profissão*, 27(4), 608-621.

Moreno, A. L., & Wainer, R. (2014). Da Gnosiologia à Epistemologia: Um Caminho Científico para Uma Terapia Baseada em Evidências. *Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.*, 16(1), 41-54.

Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M. & Jhonson, L. M. (1990). The history of behavior analysis: Some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131-158.

Mowrer, O. H. (1939). A stimulus-response analysis of anxiety and its role as a reinforcing agent. *Psychological Review*, 46(6), 553-565.

Mowrer, O. H. (1938). Apparatus for the Study and treatment of enuresis. *The American Journal of Psychology*, 51(1), 163-165.

Mowrer, O. H. & Mowrer, W. M. (1938). Enuresis - a method for its study and treatment. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 8(3), 436-459.

Neufeld, C.B., & Affonso, G. (2013). FTBC: uma jornada de 15 anos em prol das Terapias Cognitivas no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(2), 136-139.

Neufeld, C. B., Brust, P. G., & Stein, L. M. (2011). Bases epistemológicas da psicologia cognitiva experimental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (1), 103-112.

Neufeld, C. B., & Cavenage, C. C. (2010). Conceitualização cognitiva de caso: uma proposta de sistematização a partir da prática clínica e da formação de terapeutas cognitivo-comportamentais. *Rev. bras. ter. cogn.*, 6(2), 3-35.

Neufeld, C. B., Paz, S. Martins, R. G. & Pavan-Cândido, C. C. (2015). Contribuições da FBTC ao crescimento das Terapias Cognitivas no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 11(2), 119-128.

Neufeld, C. B., Xavier, G. S. & Stockmann, J. D. (2010). Ensino de Terapia Cognitivo-Comportamental em Cursos de Graduação em Psicologia: um levantamento nos estados do Paraná e de São Paulo. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 6(1), 42-61.

Nolasco, N. C. (2002). A evolução do conceito de intervenção clínica comportamental conforme apresentada em artigos produzidos no Brasil: uma revisão histórica. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. São Paulo. (96p.)

Norcross, J. C.; Hedges, M. & Prochaska, J. O. (2002). The face of 2010: a Delphi Poll on the future of psychotherapy. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33, 316-322.

Norcross, J. C., & Karpiak, C. P. (2012). Clinical psychologists in the 2010s: 50 years of the APA division of clinical psychology. *Clinical psychology: Science and practice*, 19 (1), 1-12. doi: 10.1111/j.1468-2850.2012.01269.x

O'Leary, K. D., & Wilson, G. T. (1987). *Behavior Therapy: Application and outcome*. 2nd edition. New Jersey: Prentice Hall.

Pérez Alvarez, M. (2006). La terapia de conducta de tercera generación. *EduPsykhé: Revista de Psicología y Psicopedagogía*, 5(2), 159-172.

Pessotti, I. (1966-1967). Alguns problemas técnicos em terapia de reforçamento. *Boletim de Psicologia*, 18/19 (51-54), 91-105.

Peuker, A. C., Habigzang, L. F., Koller, S. H., & e Araújo, L. B. (2009). Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. *Psicologia em Estudo Maringá*, 14(3), 439-445.

Portal de Periódicos CAPES/MEC (2019). Missão e objetivos. Recuperado em 24 de maio de 2019, de https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=109

Queiroz, L. O. S. (1971). Modificação do comportamento em um hospital psiquiátrico. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Queiroz, L. O. S. (1973). *Modificação de comportamento numa ala de pacientes crônicos utilizando sistema de economia de fichas. Controle das respostas de higiene matinal através de instruções orais e esmaecimento*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Queiroz, P. P. & Guilhardi, H. J. (2001) Integração de Contingências em ambiente clínico e natural para desenvolvimento de repertório de comportamentos de discriminação de sentimentos. Em Hélio José Guilhardi, Patrícia Piazzon Queiroz, Maria Beatriz P. Madi e Maria Carolina P. Scoz (Orgs.). *Sobre Comportamento e Cognição - expondo a variabilidade*. Vol. 7, Cap. 47. Santo André: ESETEc Editores Associados.

Queiroz, L. O. S. & Guilhardi, H. J. (1980). Use of Mediators in a Behavior Modification Clinic in Brazil. In G. J. Martin e J. G. Osborne (Eds.). *Helping in the Community-Behavioral Applications*, Plenum Press, New York.

Queiroz, L. O. S., Guilhardi, H. J., Guedes, M. C. & Martin, G. L. (1976). A university program in Brazil to develop psychologists with specialization in behavior modification. *The Psychological Record*, 26, 181-188.

Rachman, S. (2000). Obituaries: Joseph Wolpe (1915-1997). *American Psychologist*, 55(4), 431-432.

Rachman S. (2015). The evolution of behaviour therapy and cognitive behaviour therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 64, 1-8

Rachman, S. (2016). The Origins of Behavior Therapy. *The Behavior Therapist*, 3, 260-261.

Rangé, B. P. (2001). Por que sou Terapeuta Cognitivo-Comportamental? In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição - Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp.21-30). Santo André: ESETec Editores Associados.

Rangé, B. P. (2007). Homenagem a Albert Ellis. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3(2), pp.0-0.

Rangé, B. P., Falcone, E. M. O. & Sardinha, A. (2007). História e panorama atual das terapias cognitivas no Brasil. *Rev. bras.ter. cogn.*, 3(2), pp.0-0. doi: 10.5935/1808-5687.20070014

Rangé, B. P., Falcone, E. M. O. & Sardinha, A. (2011). História e panorama atual das terapias cognitivas no Brasil. In I. Andretta & Oliveira, M. S. (Orgs.). *Manual prático de Terapia Cognitivo-Comportamental*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rangé, B., & Guilhardi, H. (1995). História da psicoterapia comportamental e cognitiva no Brasil. In B. Rangé (Org.). *Psicoterapia comportamental e cognitiva*:

pesquisa, prática, aplicações e problemas (Vol. 2, pp.55-69). Campinas: Editorial Psy.

Rego, C. M., Lima, M. V. O., & Leite, O. S. Melhora do desempenho escolar e da sociabilidade pela dessensitização sistemática. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Rozestraten, R. (1988). Anais da XVIII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019, de <http://sbponline.org.br/conheca-o-historico-da-sbp-relatado-por-ricardo-gorayeb-e-reinier-rozestraten>.

Rubiano, M. R. B. (2019). Apresentando a Sociedade Brasileira de Psicologia. Recuperado em 04 de fevereiro de 2019, de <http://sbponline.org.br/marcia-regina-bonagamba-rubiano-apresenta-a-sbp>.

Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of Behavior from Laboratory to Life, 1950s-1970s*. Toronto: University of Toronto Press.

Saslow, G., Matarazzo, J. D. & Guze, S. B. (1955). The Stability of Interaction Chronograph Patterns in Psychiatric Interviews. *Journal of Consulting Psychology*, 19(6), 417-430.

Shinohara, H. O. (2001a). Conceituação da Terapia Cognitivo-Comportamental. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição - Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp.05-09). Santo André: ESETec Editores Associados.

Shinohara, H. O. (2001b). Cognitivismo ou Construtivismo? In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição - Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp.10-14). Santo André: ESETec Editores Associados.

Shinohara, H., & Figueiredo, C. (2011). A prática da terapia cognitiva no Brasil. In B. Rangé & cols. *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (pp.33-39). Porto Alegre: Artmed.

Silva, A. A., & Affeche, A. C. (1971). Restabelecimento de comportamento verbal em criança excepcional. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Silva, A. A., & Lima, M. (1971). Eliminação de comportamento de "birra" em excepcional. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Skinner, B.F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: Macmillan.

Skinner, B. F. (1938). *The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis*. Cambridge, Massachusetts: B.F. Skinner Foundation.

Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277.

Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 41(2), 217-221.

Slocum, T. A. & Butterfield, E. C. (1994). Bridging the schism between behavioral and cognitive analyses. *The Behavior Analyst*, 1(17), 59-73.

Smith, T. (1988). Does the history of psychology have a subject matter? *History of Human Sciences*, 1, 147-177.

Stocking, G. W. (1965). On the limits of "presentism" and "historicism" in the historiography of the behavioral sciences. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 1, 211-217.

Teo, T. (2013). Agnotology in the dialectics of the history and philosophy of psychology. *Theory & Psychology*, 23(6) 840–851.

Todd, J. T., & Morris, E. K. (1992). Case histories in the great power of steady misrepresentation. *American Psychologist*, 47(11), 1441-1453.

Tourinho, E. Z. (2002). Prefácio. In N. Costa, *Terapia Analítico-Comportamental: dos fundamentos filosóficos à relação com o modelo Cognitivista* (pp.xiii-xi). Santo André: ESETec Editores Associados.

Tourinho, E. Z. & Cavalcante, S. N. (2001). Por que Terapia Analítico-Comportamental. *Boletim Contexto, ABPMC*, 23, 10.

Ullmann, L. P. & Krasner, L. (eds) (1965). Case studies in behavior modification. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1965. 401 p.

Vandenberghe, L. (2006). Terapia comportamental de casal - uma retrospectiva da literatura internacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 145-160.doi:

Vandenberghe, L. (2011). Terceira onda e terapia analítico-comportamental: Um casamento acertado ou companheiros de cama estranhos? *Boletim Contexto, ABPMC*, 34, 33- 41.

Vandenberghe, L. (2017). Três faces da Psicoterapia Analítica Funcional: Uma ponte entre análise do comportamento e terceira onda. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(3), 206-219.

Vandenberghe, L. & Sousa, A. C. A. (2006). Mindfulness nas Terapias Cognitivas e Comportamentais. *Rev. bras.ter. cogn.*, 2(1), pp.35-44.

Vandenberghe, L., & Valadão, V. C. (2013). Aceitação, validação e mindfulness

na psicoterapia cognitivo-comportamental contemporânea. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(2), 126-135.

Velloso, E. D. (1977). Psicologia Clínica no Brasil na atualidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 29(3), 3-17.

Velloso, E. D. (1982). Psicologia Clínica no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34(1), 21-36.

Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.

Watson, J. B. & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3(1), 1-14.

Watson, R. I. (1960). The history of Psychology: A neglected area. *American Psychologist*, 15, 251-55.

Wenzel, A. (2018). Inovações em TCC: Intervenções estratégicas para uma prática criativa. Porto Alegre: Artmed.

Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica – por quê? In J. Brozek, & M. Massimi (Orgs), *Historiografia da Psicologia Moderna* (pp. 21-41). Edições Loyola: São Paulo.

Wilson, G. T. (1978). On the much discussed nature of the term “Behavior Therapy”. *Behavior Therapy*, 9, 89-98.

Wilson, G. T. (2016). Origins of Behavior Therapy: The South African Connection. *The behavior Therapist*, 3, 258-259.

Wilson, G. T. & Evans, (1967). Behavior Therapy and Not Behavior Therapies.

Witter, G.P. & Lima, M. (1971). Estabelecimento e manutenção de uma resposta motora em esquema de razão fixa em adolescente excepcional. Anais da I Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

-
- Wolpe, J. (1976a). Behavior Therapy and its malcontentes I: Denial of its basys and psychodinamic fusionism. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 7, 1-5.
- Wolpe, J. (1976b). Behavior Therapy and its malcontentes II: Multimodal ecleticism, cognitive exclusivism and “exposure” empiricism. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 7, 109-116.
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by Reciprocal Inhibition*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- Wolpe, J. (1968). Psychotherapy by reciprocal inhibition. *Conditional reflex: a Pavlovian journal of research & therapy*, 3(4), 234–240
- Wolpe, J. (1963). Psychotherapy: The nonscientific heritage and the new science. *Behaviour Research and Therapy*, 1, 23-28.
- Wolpe, J. (1973). *The practice of behavior therapy* (2nd ed.). Oxford, England: Pergamon.
- Woodward, W. R. (1998). Rumo a uma historiografia crítica da psicologia. In J. Brozek, & M. Massimi (Orgs), *Historiografia da Psicologia Moderna* (pp. 61-87). Edições Loyola: São Paulo.
- Yates, A. J. (1970). *Behavior therapy*. New York: Wiley.
- Zamignani, D. R. & Meyer, S. B. (2014). A pesquisa de processo em psicoterapia II. São Paulo: Núcleo Paradigma.
- Zamignani, D. R., Silva Neto, A. C. P. & Meyer, S. B. (2008). Uma aplicação dos princípios da Análise do Comportamento para a clínica: a Terapia Analítico-Comportamental. *Boletim Paradigma*, 3, 09-16.